

Literatura Portuguesa I

Carlos Magno Santos Gomes
Christina Bielinski Ramalho



São Cristóvão/SE
2009

Literatura Portuguesa I

Elaboração de Conteúdo

Carlos Magno Santos Gomes

Christina Bielinski Ramalho

Projeto Gráfico e Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

Reimpressão

Copyright © 2009, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

**FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Gomes, Carlos Magno Santos
G633I Literatura portuguesa I / Carlos Magno Santos Gomes e
Christina Bielinski Ramalho -- São Cristóvão: Universidade
Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

1. Literatura portuguesa. I. Ramalho, Christina Bielinski.
II. Título.

CDU 821.134.3

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias (Diretora)
Hérica dos Santos Mota
Iara Macedo Reis
Daniela Souza Santos
Janaina de Oliveira Freitas

Núcleo de Avaliação

Guilhermina Ramos (Coordenadora)
Carlos Alberto Vasconcelos
Elizabete Santos
Marialves Silva de Souza

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais

Giselda Barros

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Núcleo de Tecnologia da Informação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
Haroldo Dorea (Química)
Hassan Sherafat (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)
Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)
Janaina Couvo T. M. de Aguiar (Administração)
Priscilla da Silva Góes (História)
Rafael de Jesus Santana (Química)
Ronilse Pereira de Aquino Torres (Geografia)
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)
Edvar Freire Caetano
Isabela Pinheiro Ewerton

Lucas Barros Oliveira
Neverton Correia da Silva
Nicolás Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

Sumário

AULA 1

A Literatura Portuguesa - da origem a expansão.....11

AULA 2

Cantigas trovadorescas.....31

AULA 3

A prosa em Língua Portuguesa – uma herança medieval estrangeira....51

AULA 4

A prosa doutrinal e a crônica histórica de Fernão Lopes69

AULA 5

As relações entre o teatro medieval e a produção de Gil Vicente.....93

AULA 6

Da poesia Palaciana à Renascentista 115

AULA 7

Principais autores portugueses renascentistas 141

AULA 8

A lírica de Camões e introdução ao gênero épico.....163

AULA 9

Os Lusíadas: entre o mito e a história de Portugal.....187

AULA 10

A Literatura Portuguesa em diálogo com o Brasil.....215

APRESENTAÇÃO

Este curso de Literatura Portuguesa abrange a produção literária, histórica e religiosa dos primeiros séculos da consolidação e expansão do Estado Português, que vai da primeira manifestação trovadoresca (1198) a *Os Lusíadas* (1572), de Luís de Camões, a obra em versos mais famosa dessa literatura. Esta disciplina corresponde à grade do terceiro semestre do Curso de Letras-Português, oferecido na modalidade à distância. Esta primeira edição foi composta com a preocupação de organizarmos um material didático para ser usado na Universidade Aberta do Brasil. A proposta metodológica parte da abordagem histórica para análises estéticas dos textos mais importantes da Literatura Portuguesa do período medieval ao renascentista.

Nossas aulas foram escritas com o propósito de ajudá-lo a entender como a Literatura Portuguesa foi incorporando temas e formas de outras literaturas, tanto as peninsulares: galega e castelhana; como as européias: francesa, inglesa e, por último, italiana, para se consolidar como uma das mais expressivas literaturas da atualidade. Estudar a Literatura Portuguesa desse período é se voltar para um mosaico de textos e tradições com poucos originais guardados até hoje. Por isso, não se espante com alguns textos de autoria incerta, nem se preocupe com datas precisas sobre autores e publicações, pois a compilação era a técnica de manutenção e sobrevivência dos livros antes do surgimento da imprensa por volta de 1450. Assim, cada vez que um texto foi compilado e fundido com outros textos, ele ganhou novas versões e passou a ter outra referência de autoria.

Nós, Carlos Magno Santos Gomes e Christina Bielinski Ramalho, planejamos aulas prazerosas, organizadas didaticamente, para você se aproximar, entender, refletir e, claro, produzir suas críticas acerca da Literatura Portuguesa desse período. Tentamos ser os mais objetivos possíveis, contudo, não conseguimos evitar a necessidade de se fazer referência aos acontecimentos mais importantes, aos seus mentores e aos contextos históricos em que cada manifestação literária teve importância. Essas referências são fundamentais para que o contato com o universo cultural português seja amplo o suficiente para a compreensão do modo como a Literatura Portuguesa foi se desenvolvendo e se transformando através dos tempos. Além disso, comentamos a mudança do gosto estético nesse período de formação e consolidação do Povo, da Nação, da Língua e da Literatura Portuguesa e procuramos destacar obras e autores mais relevantes dentro desse panorama.

Acompanhando aula por aula, você perceberá que, em cada período, a forma como cultura e literatura eram apreciadas estava relacionada às mudanças políticas e econômicas na península Ibérica e, em especial, na corte portuguesa. As guerras contra os árabes e as guerras internas de luta pelo poder, por exemplo, fazem parte da história desse período de consolidação e expansão do Estado Português e, por isso, incidem sobre o modo português de ver o mundo. Como a produção e a divulgação da literatura estão relacionadas à vida na corte e, por isso, dependentes das mudanças política e econômica, cada vez que um novo rei assumia o poder, ocorriam mudanças no campo da literatura e das artes em geral. Compreendendo os vínculos entre política, economia, sociedade e história, você poderá acompanhar, com maior clareza, o processo do surgimento da Literatura Portuguesa com as cantigas trovadorescas, a produção na corte e os tipos de manifestações literárias da época até chegar ao profissionalismo do escritor renascentista.

Com esse enfoque, destacamos a estreita relação do idioma português com o ideal de nação e de povo. Esses elementos estarão presentes nas nossas aulas, pois a construção da identidade portuguesa passa pela evolução da língua e da literatura. Além do critério lingüístico, temos o da autonomia política nacional. Esses dois valores nos ajudam a melhor definir os principais autores da literatura portuguesa medieval e renascentista. Assim, devemos estudar não só as marcas lingüísticas, mas também os marcos da política nacional portuguesa. Reconhece-se que as mudanças e a consolidação estética da produção literária portuguesa se devem a grandes transformações político-sociais. Essa evolução pode ser vista por dois ciclos: o da corte e o da burguesia. Cabe ressaltar, todavia, que nem sempre o desenvolvimento da literatura coincide com o histórico, pois há contornos, há precursores, preparadores para que haja uma mudança de gosto e de ideologia, ou seja, além dos fatores já mencionados que influenciam na formação e no desenvolvimento de uma literatura nacional, há as marcas de genialidade, originalidade, transgressão e transformação que vêm dos próprios artistas, no caso, os escritores.

Assim, este curso valoriza o estudo do contexto histórico, da produção cultural e dos principais escritores de cada época, para que o texto literário em si seja compreendido como uma manifestação que traduz uma época e uma tradição cultural e estética, além de ser, é claro, por seu valor artístico, uma produção capaz de atravessar os tempos e fazer leitores de qualquer época refletirem sobre a condição humana. A proposta desse curso, pelo enfoque inicial no contexto histórico, cultural e estético, parte da periodização feita pelos estudiosos da Literatura Portuguesa. Usamos tanto referências de pesquisadores brasileiros como de portugueses. As idéias de-

envolvidas neste curso partem das reflexões e conclusões dos portugueses Antonio Saraiva e Óscar Lopes (2008) e dos brasileiros Massaud Moisés (2003; 2006) e Segismundo Spina (2006). Para eles, a periodização é intrinsecamente literária, e não deve aprisionar um escritor ou obra em determinado período, mas funcionar como um marco didático que oriente na elaboração de reflexões acerca da Literatura Portuguesa. As visões desses historiadores e críticos ajudam a perceber, no texto literário, tanto a presença das marcas históricas, estéticas e culturais quanto a capacidade que a Literatura possui de, mesmo inserida em determinado contexto de tempo e espaço, falar da existência humana naquilo que contém universal e atemporalmente.

Em resumo, este curso está dividido em duas unidades, cada uma composta de 5 aulas, somando 10 aulas, que abrangem textos do Trovadorismo ao Renascimento. Cada aula tem sua dinâmica própria, pois apresenta algumas reflexões históricas e estéticas acerca da produção literária. Além dos conteúdos de Literatura Portuguesa, cada aula trará tarefas para você desenvolver sua capacidade de reflexão histórico-cultural e estética da obra literária. As referências ao contexto histórico, como já dissemos, auxiliarão no entendimento de como as relações de poder estão representadas nos textos literários selecionados.

Cada aula apresenta algumas tarefas que funcionam como pequenos roteiros para análise do texto, conforme o seu gênero e suas especificidades. Cada aula apresenta atividades de pesquisa e de interação que, além de complementar os conteúdos ministrados, pretendem proporcionar reflexões estéticas e ideológicas acerca dos textos estudados, tais como: “Quais são os valores filosóficos, históricos, estéticos, ou humanos, que prevalecem nos textos analisados?”; “Que ponto de vista que está sendo representado?”, “Que contribuição traz a obra para a formação e o desenvolvimento da Literatura Portuguesa?”. Dessa forma, acreditamos que você, estudante do curso de Letras, da Universidade Federal de Sergipe, modalidade ensino à distância, pode desenvolver o senso crítico necessário para se aprofundar nos estudos da Literatura Portuguesa. Agora vamos partir para a primeira aula que vai situar a cultura portuguesa medieval e suas produções artísticas.

A LITERATURA PORTUGUESA - DA ORIGEM A EXPANSÃO

META

Relacionar a língua e a literatura com a identidade do povo português e seu projeto de consolidação e colonização. Valorizar a força e a influência da Literatura Portuguesa nas diferentes literaturas de língua portuguesa.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Caracterizar a Literatura Portuguesa com seus principais temas e autores;
Diferenciar a Literatura Portuguesa das produzidas nas colônias;
Interpretar esteticamente e sociologicamente diferentes textos e gêneros literários em língua portuguesa.

PRÉ-REQUISITOS

Contexto histórico medieval



O monumento “O Padrão do Descobrimento” é uma homenagem a expansão marítima. Localizado na margem do Rio Tejo, em Belém, possui um mapa central, com figuras de galeões e sereias desenhadas, mostra as rotas das descobertas concretizadas nos séculos XV e XVI. Na fotografia podemos ver D. Henrique, o navegador, seguido por outros heróis da história portuguesa, tais como Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Fernão Magalhães.

(Fonte: <http://www.flickr.com>)

INTRODUÇÃO

Esta aula traz um passeio panorâmico pela História da Literatura Portuguesa, das primeiras manifestações aos dias atuais. Para fortalecer a forma como ela se construiu, destacamos como a formação da língua portuguesa está no centro desse debate e o quanto ela precisa dos textos literários para ganhar autonomia e independência. Falaremos também de alguns momentos históricos importantes para a evolução da língua portuguesa e da identidade do povo português. Concluindo, analisaremos textos literários e culturais de diferentes épocas da literatura portuguesa.



Symphonia de Cantiga 160, Cantigas de Sta. María de Alfonso X El Sabio, Códice de El Escorial. (1221-1284).
(Fonte: <http://pt.wikipedia.org>)

FRONTEIRAS DA LITERATURA PORTUGUESA

Texto I

Europa jaz, posta nos cotovellos;
De Oriente a Occidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabellos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovello esquerdo é recuado;
O direito é em angulo disposto.
Aquelle diz Italia onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.
Fita, com olhar sphyngico e fatal,
O Occidente, futuro do passado.
O rosto com que fita é Portugal.

(Fernando Pessoa, 1969)



Mapa Expansão Portuguesa (Fontes: <http://2.bp.blogspot.com>)

Era uma vez uma nação destinada ao mar, uma terra atlântica, cuja geografia desenhava um rosto para a Europa, um país de área pequena, mas de gestos ousados, uma gente movida pelo desejo de ir além de suas fronteiras. Essa nação, chamada Portugal, foi, no século das grandes navegações, uma das grandes responsáveis pela geografia política do planeta. E é exatamente por isso que a pergunta “O que é Literatura Portuguesa?” não pode receber uma resposta descontextualizada da História desse

povo que semeou a língua portuguesa em novos continentes e se fez parte inseparável de muitas outras literaturas, surgidas a partir da presença de Portugal em terras americanas, africanas e asiáticas. Brasil, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Macau são, ao mesmo tempo, no contexto da Literatura Portuguesa, culturas herdeiras e vozes expansionistas desse universo literário. Assim, a Literatura Portuguesa, mais que uma produção artística restrita a uma geografia local e a um povo determinado, é um entrelaçado de vozes, eternamente em diálogo e renovação, que contribuem para que a língua portuguesa seja hoje a quinta língua mais falada no mundo e a terceira no âmbito ocidental.

A Literatura Portuguesa tem duas grandes unanimidades: a força lírica e épica de Luís de Camões e de Fernando Pessoa, dois poetas que viveram em tempos bem diferentes. O primeiro participou de um momento de glória, de apogeu do Portugal das grandes navegações; o segundo produziu uma poesia crítica e revisionista dos limites dessas grandes conquistas no século XX. As obras desses dois escritores se confundem com a história da língua portuguesa pela força e dinâmica da sua produção literária. No entanto, a Literatura Portuguesa não se limita a esses dois grandes nomes. Em diferentes momentos, outros escritores construíram obras que além de consolidarem a identidade do povo português, apresentam uma evolução estética. Tais mudanças, contudo, acontecem aos poucos. Por enquanto, dentro do contexto dos primeiros passos da história literária portuguesa cabe destacar a importação da temática e da forma das cantigas de amor de origem provençal, sul da França, durante o Trovadorismo, e do soneto, como medida nova, influência italiana trazida por Sá de Miranda durante o Renascimento.

Do primeiro momento, vale destacar, entre tantos: os textos literários de D. Dinis (1265-1325), o primeiro rei alfabetizado de Portugal, considerado o grande trovador; as crônicas de Fernão Lopes, o primeiro cronista oficial (1434) e sua capacidade de descrever o povo português; o teatro alegórico de Gil Vicente (1502) e sua tipologia humana inconfundível; e a grandiosidade da poesia épica *Os Lusíadas* (1572), de Luís de Camões. Esses e outros tantos autores que você estudará neste curso introdutório aos estudos portugueses.

Já em outros semestres, entre muitas obras, autores e autoras, você poderá se deslumbrar com as narrativas realistas de Eça de Queirós e sua denúncia do atraso e da hipocrisia da sociedade portuguesa no século XIX; com a força lírica do simbolismo de Florbela Espanca; com as alegorias do universo de José Saramago, que teve seu romance *Ensaio sobre a cegueira* adaptado para o cinema em 2008. Vale lembrar que Saramago foi o primeiro ganhador do Nobel de Literatura para textos escritos em língua portuguesa (1999). Com Saramago, a Literatura Portuguesa foi premiada como uma das mais significativas do mundo ocidental.

Voltando à questão “O que é Literatura Portuguesa?”, começamos constatando que há um universo bem maior do que dita a pequena aparência de um país com pouco mais de noventa mil quilômetros quadrados, mas que tem um legado histórico e cultural indispensável para se entender melhor a configuração política que o mundo teve depois do colonialismo, uma vez que Portugal, por seu expansionismo geográfico e lingüístico, influenciou muitas outras literaturas, tornando-se mesmo o ponto de partida para a formação da literatura de muitos países. Essa constatação, contudo, não significa que seja impossível falar da produção literária restrita à terra portuguesa propriamente dita, mas indica que a Literatura Portuguesa pode ser compreendida por uma ótica mais abrangente, que incluiu nações, como o Brasil, por exemplo, onde a história literária guarda laços importantes com a cultura portuguesa. Assim, só para citar e exemplificar a complexidade do termo “Literatura Portuguesa”, lembramos que, com as novas abordagens sobre a cultura africana, temos ainda muitas “literaturas portuguesas” para descobrir nas ex-colônias portuguesas Cabo Verde, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe.

Para nós, brasileiros, a língua e a literatura portuguesas formam um legado indissociável da cultura brasileira, pois, apesar de nossa autonomia, nosso passado cultural lingüístico é o mesmo, por isso, há tanta necessidade de se melhor entender com o a Literatura Portuguesa foi absorvida pelos escritores brasileiros em diferentes momentos de nossa história. Assim, o diálogo entre as literaturas brasileira e a portuguesa também deve ser levado em conta uma vez que uma literatura enriquece a outra. No primeiro momento, a portuguesa impulsionou a brasileira, mas, no século XX, essa relação passou a ser recíproca. Com o advento da independência do Brasil em 1822, a Literatura Brasileira tomou novos caminhos, contudo, o diálogo com a tradição herdada foi retomado de diferentes formas por artistas brasileiros.

Podemos afirmar que a tradição lírica portuguesa, por exemplo, está presente na literatura oral de cordel, nas canções da MPB, nos autos natalinos, e em obras de grandes poetas brasileiros, como os simbolistas Afonso de Guimaraens e Cecília Meirelles. Podemos mesmo afirmar que a lírica portuguesa é extraordinariamente reverenciada pelo escritor brasileiro, que além de respeitar esse passado cultural de nossas literaturas, incorpora temas, imagens e técnicas que dão à Literatura Brasileira uma autonomia respeitosa em relação à herança cultural deixada pela Literatura Portuguesa. Neste curso, dedicamos a última aula à exploração dos muitos diálogos entre as duas literaturas: portuguesa e brasileira.

Além desses diálogos com as literaturas nascidas após a expansão artística, a Literatura Portuguesa, em sua origem, também apresenta um problema de fronteira, pois não podemos separar os textos escritos em galego-português, ou em castelhano, ou em galego, ou até em português no primeiro momento da formação dessa literatura do conjunto cultural

da Península Ibérica. Os reinos ibéricos eram muito ligados politicamente. A proximidade entre os reinos ibéricos Galiza, Leão, Castela, Portugal, Aragão, entre outros - era muito grande. Daí a dificuldade para se identificarem textos que tenham pertencido apenas a um desses reinos. As fronteiras nacionais e culturais desses reinos são, assim, muito confusas na primeira fase da Idade Média.

Portugal nasce do casamento da filha de Afonso VI, rei de Leão e Castela com o Conde Henrique de Borgonha. O primeiro rei português, Afonso Henriques, é neto desse grande monarca castelhano. Aos poucos, você irá conhecendo melhor a estreita ligação entre esses reinos, o que dificulta a identificação de uma literatura especificamente portuguesa. A primeira manifestação especificamente portuguesa só irá acontecer quando Fernão Lopes é nomeado Cronista-mor de Portugal (1434), o primeiro escritor a valorizar a força do povo português.

Para facilitar nossas reflexões, vamos adotar a hipótese de que, nos primeiros anos da consolidação da língua e cultura portuguesa, há uma literatura peninsular, uma cultura que não é apenas de Portugal, pois os textos produzidos neste período também fazem parte de outras literaturas. A língua mais usada na primeira fase da literatura da Península Ibérica era o galego-português. Essa língua tinha prestígio e era a mais usada pelos poetas peninsulares para se escrever a poesia trovadoresca. Daí que muitas composições fazem parte dos diferentes reinos ibéricos.

Assim, fica claro que as fronteiras da Literatura Portuguesa, no período medieval, são muito frágeis. A vontade de nacionalizar o idioma dos textos literários só vai acontecer depois de 1385, isto é, depois da Revolução de Avis. Então, resumindo, podemos dizer que, conforme as mudanças econômicas, a produção literária foi se moldando, ora incorporando elementos externos ao reino português, ora valorizando a língua portuguesa como marco de nacionalidade. Conforme, António Saraiva, a Literatura Portuguesa assimila aportações milenares, influências das grandes literaturas européias e está integrada a uma unidade cultural e literária peninsular que vão além do uso do galego-português ou do espanhol como marca de nacionalidade de um autor (SARAIVA, 2008, p. 11).

Este curso está centrado em uma perspectiva histórica e traz algumas reflexões fundamentais para nos ajudar a entender melhor como a Literatura Portuguesa constrói seu cânone medieval. Essa construção parte da ótica que vê a literatura como patrimônio cultural. Por exemplo, os problemas sociais e políticos estão presentes nos textos de Fernão Lopes, Gil Vicente e Luís de Camões, que tentam contar a história do povo português de diferentes ângulos ideológicos, como veremos no desenvolvimento deste curso. Como sabemos, a história de uma literatura procura abranger, além do conteúdo estético e lingüístico, as ideologias historicamente determinadas, as transformações técnicas, as tensões e expectati-

vas sociais. Mesmo assim, ao estudarmos uma história literária, encontramos muitos elementos de caráter universal no texto literário, que fogem dessas fronteiras históricas e que, nem por isso, podem ficar de fora de uma análise estética, por exemplo. A Literatura Portuguesa não foge dessa dualidade (nacional/universal).

Por tudo que, acima, foi exposto, entenderemos, neste curso, por “Literatura Portuguesa” a produção literária da era medieval e renascentista feita por escritores nascidos em Portugal, sem entrarmos nos limites dessa nacionalidade da obra analisada. Voltemos, assim, ao início: “Era uma vez uma nação destinada ao mar”. O “Era uma vez...”, aludindo aos contos de fadas, assinala outro aspecto importante para que cheguemos a uma compreensão mais completa da Literatura Portuguesa: a face mítica de Portugal. O “rosto da Europa”, imortalizado na poesia de Fernando Pessoa, e muito discutido por críticos e historiadores, pela dimensão laudatória que essa imagem traz, marca a intensidade dos sentimentos portugueses em relação a seu “estar no mundo”. Considerando a Europa como o “velho mundo” e a “origem de todas as coisas” no mapa do Ocidente (ainda que também isso seja discutível), temos, em Portugal, como já dissemos, uma força contundente para o expansionismo europeu pelos outros continentes. Essa presença, aliada à questão do mar e seus mistérios, originou, na cultura portuguesa, um teor mítico embasado em dois fatores principais: a “predestinação” e o “expansionismo”.

A “predestinação”, que a imagem do “rosto europeu” certamente ratifica, presentifica-se, na Literatura Portuguesa, como tema recorrente, reforçado por outro aspecto importante da cultura portuguesa: a arraigada religiosidade cristã. Um mito só se faz a partir da junção entre história e imaginário. Assim, se a História de Portugal, somada à sua geografia, relata o pioneirismo português e sua competência para explorar mares “nunca dantes navegados”, o imaginário religioso desse povo aderiu aos fatos históricos uma aura simbólica, em que Portugal, mais que o rosto da Europa, era a nação que profetizaria os destinos do Ocidente. A decadência política e econômica portuguesa, outro fato histórico, acrescentou a essa imagem profética uma feição de martírio e um desejo de redenção. Logo, além da predestinação, o sofrimento causado pela decadência e um inexorável desejo de renascimento igualmente vão marcar, tematicamente, essa cultura e sua produção literária.

O “expansionismo”, por sua vez, promoverá uma abertura da cultura portuguesa, bastante encerrada na ideologia cristã e na filosofia medieval, à sedução do novo. Esse “novo”, representado pelo mar e seus desafios, ganhará materialidade nas terras encontradas e nos necessários processos de mestiçagem, gerados pela política colonialista. De outro lado, se a sedução leva Portugal ao mar e a novas terras, deixa, como efeito, um sentimento de apego à terra natal que só pode viver quem dela se exila,

voluntária ou involuntariamente. Por essa razão, o expansionismo português possui duas faces: a da sedução e a da saudade, temas que também constroem a identidade dessa literatura.

A História de Portugal, todavia, tem início bem antes da época das grandes navegações. Curiosamente, estará nas origens dessa nação outra de suas marcas temáticas: o lirismo amoroso. Contudo, melhor entenderemos essa presença na segunda aula desse curso quando abordarmos o período medieval e, em especial, o Trovadorismo e suas canções líricas e satíricas, isto é, poesias que falam do amor e dos costumes da época.

Para encerrar essa “navegação” pelas temáticas que compõem o panorama da produção literária portuguesa, lembremos ainda que, a contraparte tanto do nacionalismo construído à base do caráter de predestinado como do próprio lirismo amoroso, muitas vezes piegas (como veremos adiante), sempre repousa na crítica a essas posturas. Desse modo, somadas às temáticas já abordadas, encontraremos, na cultura portuguesa, um pendor forte para a crítica e a sátira, que, muitas vezes, preenchem com o risível um “estar-no-mundo” ambivalente, já que Portugal, vivendo um processo de decadência política e econômica, passou de “rosto europeu” a “lixreira da Europa”, imagem igualmente consagrada, não pela poesia, mas pela língua ferina de críticos que definem uma cultura a partir de seu status econômico. Essa questão da decadência por que passou a cultura portuguesa depois das grandes navegações, você entenderá melhor nos próximos semestres do estudo da literatura portuguesa. Por enquanto, vamos nos apaixonar pelo período de formação e consolidação da identidade literária portuguesa.

Para concluir este tópico, leia o poema abaixo que se refere a uma fase depois dos descobrimentos. Nele encontramos uma visão mais realista da história de Portugal. Veja que ele traz um ponto de vista oposto ao primeiro, pois aborda a questão de fazer muita gente infeliz. Lembre-se de quantos choraram no período das grandes navegações. Você também pode explorar como cada texto contempla o “rosto” de Portugal, considerando os enfoques mítico e crítico que os dois textos deste tópico nos traz.

Texto II

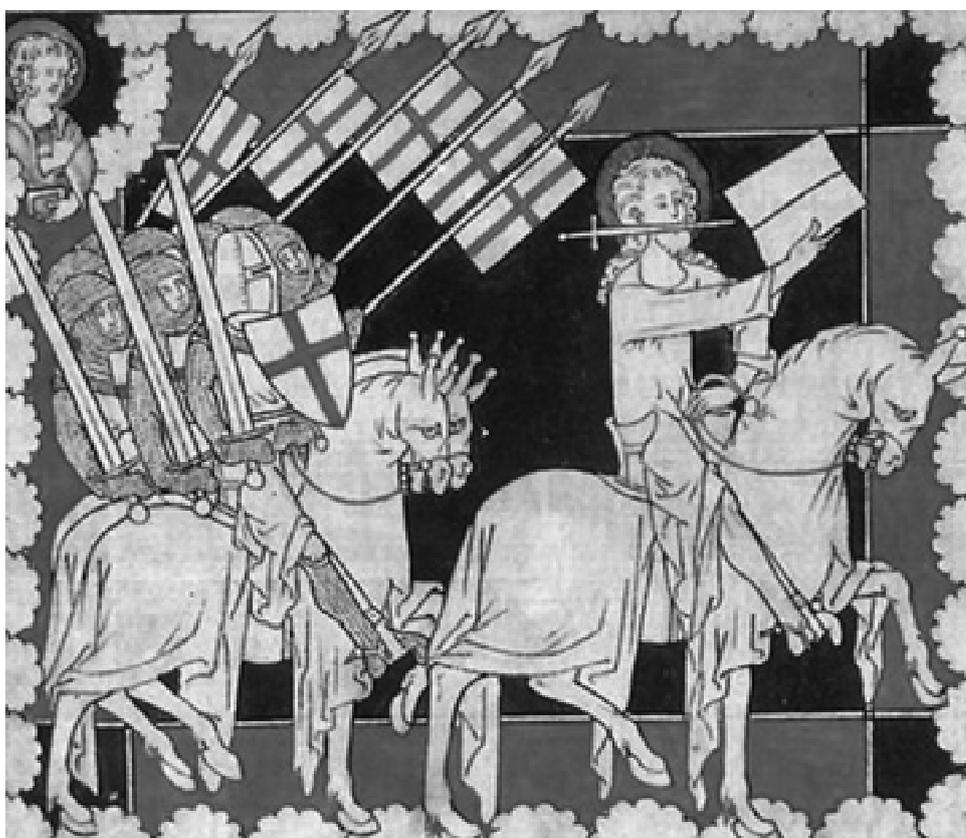
Nariz, nariz, e nariz,

Nariz, nariz, e nariz,
Nariz, que nunca se acaba;
Nariz, que se ele desaba,
Fará o mundo infeliz;
Nariz, que Newton não quis
Descrever-lhe a diagonal;
Nariz de massa infernal,

Que, se o cálculo não erra,
Posto entre o Sol e a Terra,
Faria eclipse total!

A FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RELAÇÕES COM A LITERATURA

A língua portuguesa tem origem comum no latim vulgar. A forma como os soldados romanos falavam, misturada às línguas presentes na península ibérica e principalmente às línguas dos invasores, os bárbaros e os mulçumanos em diferentes épocas da Idade Média proporcionaram a evolução da língua portuguesa. No primeiro momento, esse “falar” apresentava uma mistura de idiomas e possuía um idioma literariamente reconhecido que era o galego-português. Depois, com a necessidade de consolidação do Estado Português (1385), a língua portuguesa passou a ser valorizada como uma importante marca nacional. Nessa fase, foram feitos estudos e propostas de mudanças lingüísticas e gramaticais responsáveis pela consolidação do português moderno. Assim, entre a formação da língua e a importância cultural e histórica da literatura, há muitos pontos em comum.



Cruzadas

(Fonte: <http://rechavia.files.wordpress.com/2009/10/as-cruzadas.jpg>)

Como visto até aqui, no início, por volta do século XII, a identidade portuguesa não apresenta elementos hegemônicos, pois o que é português, nos primeiros anos, também pertence à cultura peninsular. A retomada da Europa do domínio dos árabes aconteceu aos poucos. Cada guerra vencida significava terras retomadas a serem divididas. Foi assim que surgiu Portugal: de uma conquista e como prêmio, o Rei Afonso deu de presente o Condado Portucalense a D. Henrique de Borgonha por ter se casado com sua filha D. Teresa. Depois da morte do conde D. Henrique, seu filho, Afonso Henriques, passou a liderar lutas contra Castela para conseguir a autonomia e independência para o Estado Português, considerado o primeiro país europeu a conseguir essa independência.

A importância da língua para a construção da idéia de nação é fundamental no caso da literatura portuguesa. Mas a data precisa para essa formação é muito complexa. Os primeiros textos aparecem entre os séculos IX e XIII, todavia, essas afirmações ficam restritas ao campo hipotético e comparativo, pois não há documentos que comprovem uma identidade portuguesa antes de Afonso Henriques, o primeiro rei. O nome Portugal surge do “condado portucalense”, território original de onde começou a expansão para o que conhecemos como o território português atual. Essa falta de documentos mais precisos que provem o surgimento e evolução da língua portuguesa é um dos empecilhos para situarmos, com precisão, os detalhes dessa trajetória. Hoje sabemos que muito antes dos primeiros textos trovadorescos escritos, havia uma cultura oral muito forte na região, mas que não era registrada, por isso quase nada chegou aos nossos dias dessa fase do português arcaico. Muitos dos textos que você analisará aqui fazem parte de Cancioneiros, compilados séculos depois.

Entre o século XII até o XVI, temos a primeira fase da língua portuguesa, considerada arcaica com uma influência maior do galego, depois a língua portuguesa tem uma rápida evolução fonética até sua forma moderna (cf. Saraiva, Lopes, 2008, p. 23-27). Vale lembrar que são vários idiomas que convivem e se cruzam nesse momento histórico com o português, além dos idiomas da península ibérica, há os falares moçárabes, mistura de português com árabe, fruto do contato dos invasores muçulmanos com o galego-português. Dentro desse período arcaico, há duas fases: a primeira que vai até por volta de 1385 e a segunda da nacionalização do português, que passa a ser usado nos documentos oficiais do reino (a partir de D. Dinis) até o surgimento dos primeiros gramáticos da língua portuguesa por volta de 1540. Destaca-se que, na primeira fase, o galego era a língua de mais prestígio para os textos literários. Com a idéia da padronização e uniformização da língua, já no século XVI, Lisboa, como centro político e eco-

nômico do reino, proporciona uma fusão e evolução lingüística com base nos dialetos meridionais de Portugal.

Como curiosidade, veja como os dialetos da região vão se transformando em língua portuguesa, destacamos dois fenômenos: um fonético, como o surgimento do ditongo nasal o “ão” marca da língua portuguesa, assim “manum” passa ser escrito como mão e “pane” passa a ser escrito como pão; e o outro morfológico como a biformização do gênero de palavras como “senhor”, “espanhol”, que antes podiam ser empregados como biformes, isto é, usados tanto no masculino como no feminino: “mia senhor”. Esse fenômeno de criação do feminino para “senhor” não pode ser aplicado aos textos escritos antes que pertençam à tradição galego-portuguesa, por isso não estranhe essa palavra ser empregada apenas no masculino, mesmo sendo usada para designar a devoção a uma senhora, a mulher amada. Segundo Saraiva (2008, p. 26), podemos afirmar que a língua portuguesa desde o século XVI está concluída. Claro que esse aspecto serve apenas para a norma padrão do português usado em Portugal, uma vez que o contato com novos povos deu a língua portuguesa um repertório de vocábulos e pronúncias que enriqueceram ainda mais a língua lusitana.

Torna-se relevante destacar que a língua escrita foi muito importante para a consolidação desse idioma, daí a valorização dos textos gramaticais e literários como parâmetro para a padronização e divulgação dessa uniformidade do idioma. Também é valioso ressaltar que o português literário representa o idioma de certa camada social que detém o poder, no caso do trovadorismo e humanismo, principalmente a nobreza e o clero. Raramente os dialetos das populações rurais ou gírias conseguiram entrar no texto literário, como veremos. Quando isso acontece é para causar o riso como a linguagem da população rural de Lisboa, presente nos textos de Gil Vicente, por exemplo. Diante disso, a relação espaço-temporal de um texto deve ser sempre lembrada para melhor ser explorada na análise textual.

CULTURA NA IDADE MÉDIA



A Força da Igreja Católica (Fonte: <http://i10.photobucket.com/Templarios1.jpg>)

Se a formação da identidade cultural portuguesa, em termos históricos, situa-se na Idade Média¹, claro está que, para compreendermos as influências que sedimentaram as primeiras produções literárias de Portugal, é necessário voltar nosso olhar para determinados aspectos do período medieval.² Entre esses aspectos, que são muitos, daremos destaque a três: as diferenças entre a cultura clerical e a popular, a estrutura social representada pela classe dos “cavaleiros” e o fenômeno da “vassalagem”.

Até o século XII, a cultura, em suas formas artísticas, esteve sustentada por um poder absolutista clerical, que ditava, por assim dizer, as bases filosóficas da criação humana. Assim sendo, registra-se, no contex-

to medieval europeu, um teor religioso que, por fixar modelos, impedia o florescimento de identidades particulares, ainda que, obviamente, formas paralelas de produção cultural existissem. A validade dos mandamentos, a preocupação com o juízo final e o apocalipse, as doutrinas sobre a “vontade” divina, o fato de a Igreja ser fonte exclusiva de “salvação”, além, obviamente, dos interesses econômicos que permeavam as práticas religiosas ditavam os parâmetros para a hierarquia do poder, forçando as incipientes nações europeias a se submeterem ao poder centralizador da Igreja, que, entre outros, organizava peregrinações e cruzadas e excomungava imperadores e reis. Superadas, contudo, as formas políticas e econômicas do feudalismo que caracterizou a Alta Idade Média e que, de certo modo, pelo imobilismo social, favoreceu o autoritarismo da Igreja, uma nova realidade surgia e, com ela, uma prática econômica renovada que mudaria o panorama: o comércio. O fim do trabalho servil, o surgimento da burguesia, o deslocamento do poder da Igreja para os monarcas e o ressurgimento do mundo urbano, entre outros, promoveram iguais mudanças no panorama artístico e permitiram que a face oculta das artes populares, obscurecidas pelo domínio da arte clerical elitista e restrita à nobreza, começasse a se mesclar com as “formas oficiais de arte”.

Nós, que vivemos o auge da forma mais selvagem do capitalismo, que gerou a globalização e práticas multiculturais infinitas, temos instrumentos eficientes para compreender as mudanças que, principalmente, o surgimento da burguesia e o processo de independência dos burgos trouxeram para as artes. A dinâmica das relações sociais passava a incluir pessoas cuja bagagem de conhecimentos era bem distinta da erudição que caracteriza o clero e a nobreza. Natural foi, portanto, que mesclas surgissem e que a língua deixasse de ter o perfil universal ditado pelo latim oficial ou canônico e passasse a agregar variantes oferecidas pelas práticas do latim vulgar, em suas formas regionais, que, mais tarde, definiram o conceito de “línguas indo-europeias”, “línguas românicas”, e mesmo “línguas neolatinas”.

Quando falamos especificamente em literatura, temos, portanto, nas transformações que definem o século XII, um ponto ao mesmo tempo de cisão e de confluência entre a tradição lingüística culta e as práticas culturais populares.³ Ou seja, somente a partir da mescla entre dialetos locais e uma língua oficial transformada pelo uso em escalões inferiores, seja pela condição econômica, seja pela política, puderam surgir identidades literárias particulares, que, mais adiante, começariam a definir histórias literárias próprias, definidas por línguas igualmente próprias que passariam a conter conteúdos nacionais.

O outro aspecto - a estrutura representada pela classe dos cavaleiros - é bastante esclarecedor para que se compreendam as práticas literárias da fase da cultura medieval compreendida entre o fim da Alta Idade Mé-

dia e o início da Baixa Idade Média. Lembramos que a cavalaria medieval comportava um dos escalões da hierarquia feudal. Os cavaleiros constituíam, de início, uma espécie de grupo profissional que atuava, de forma servil, para manter os regimes autoritários feudais em segurança. A maior parte dos cavaleiros era oriunda das casas senhoriais, ou seja, eram homens do povo, que, por atributos pessoais ou mesmo por história familiar, exerciam atividades relacionadas à defesa, segurança e expansionismo feudal. Eles guardavam, pois, uma relação de dependência com o senhor a quem serviam. Outra pequena parte era constituída por homens livres, descendentes de antigos militares. Contudo, como os direitos tanto de uns como de outros eram cerceados por leis autoritárias e exclusivistas, não havia, entre esses dois segmentos, grandes distinções de status. Com o tempo e a maior necessidade dos senhores feudais de comporem corpos leais e belicamente fortes, os cavaleiros começaram a ganhar importância até que ser um “cavaleiro” passou a ter valor hereditário, principalmente porque as recompensas por bons serviços vinham em formas de terras. Os cavaleiros passaram, a partir daí, a definir uma nobreza de segunda classe, que, por isso, não representava perigo para as hierarquias superiores.

Esse novo segmento social convivia, portanto, com a elite da nobreza, mas, culturalmente, é claro, guardava marcas de sua origem popular. Essa natureza, vamos dizer, “democrática”, foi bastante importante no sentido de aproximar origens tão díspares quanto as elitistas e as populares. A partir do século XIII, todavia, só os filhos de cavaleiros poderiam assumir essa função.

O que mais importa, contudo, no âmbito da cavalaria como classe são os valores e as práticas a elas relacionadas. Como o trânsito dos cavaleiros por regiões diversas era muito significativo se comparado à imobilidade dos camponeses, certamente os primeiros se tornavam objeto de interesse cultural muito maior. Histórias relacionadas às aventuras dos cavaleiros, à sua honra, lealdade e espírito sedutor começavam a circular nas camadas populares (lembremos que os próprios cavaleiros delas provinham) e, nesse processo, incorporavam também formas lingüísticas orais e populares. Todavia, além do aspecto lingüístico, toda uma filosofia baseada na ética da cavalaria permeava essas histórias e definia padrões de comportamento bastante distintos dos níveis aristocrático e clerical.

Assim, uma exaltação do caráter nobre, no sentido da nobreza do sentimento e não do status, começa a circular no imaginário medieval mais popular, gerando obras que, pela contaminação da nobreza, dada através do contato com esse novo segmento, ou essa nobreza de “segunda classe”, alcançarão expressão mesmo dentro das estruturas culturais mais elitizadas. Um novo tipo de heroísmo, diferente do heroísmo sangüinário dos clássicos⁴, irrompia na cultura medieval, abrindo portas para novas maneiras de ser e de ver o mundo e a luta pelo poder. Ao mesmo

tempo, as práticas mundanas dos cavaleiros, muito pouco comprometidos com dogmas religiosos⁵, já que seguiam uma filosofia própria de ser, transformaram a própria concepção do amor, revelando facetas bastante censuradas até então, como a sensualidade e as práticas de conquista.

De outro lado, por possuir características próprias que os distinguiam das formas de outra classe que surgia, a burguesa, materialista e voltada para práticas com a barganha, os cálculos e o enriquecimento, a classe dos cavaleiros acabaria se marginalizando dentro de um sistema que, cada vez mais, se destinaria ao que viria a ser o Capitalismo.

O terceiro e último aspecto - a vassalagem - é, na verdade, uma das práticas que definiam as relações sociais feudais. O vassalo oferece a seu senhor, em troca de proteção e de alguns privilégios econômicos e políticos, uma submissão consentida e leal e uma prestação de serviços adequada às necessidades do senhor. O conceito de “vassalagem” vai incrementar as práticas culturais, estendendo-se ao nível das relações amorosas, agregando, igualmente, a filosofia da cavalaria.

A partir dessas três abordagens, temos, portanto, “material” para refletir sobre os primeiros momentos e as primeiras expressões da Literatura Portuguesa.

PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DA LITERATURA PORTUGUESA

A idéia de nacionalidade como uma marca portuguesa, possivelmente, só se concretiza a partir da Revolução de Avis (1383-85), momento em do qual o povo participou como agente. Desse período, Fernão Lopes pode ser considerado o primeiro historiador a reconhecer tal fato e a narrar com precisão a participação do povo para a chegada de D João ao Trono Português. O historiador da Literatura Portuguesa, António José Saraiva, destaca os momentos em que essa literatura começa a se delinear, reunindo obras e nomes que compõem um panorama bem diversificado.

Como já destacado antes, Saraiva (2008) lembra que na Península Ibérica, um conglomerado de falares desenhava uma face plurilingüística, ainda que o castelhano e o galego-português já se destacassem como forças de irradiação e influência. A expansão desse galego-português teve como divulgadores os cavaleiros galegos que, combatendo os muçulmanos, expandiram sua língua em direção ao sul. De outro lado, no âmbito da cultura clerical, é o Mosteiro de Alcobaça, fundado em 1152 por Afonso Henriques, que se tornará o centro divulgador de uma literatura eminentemente religiosa na qual vão se unir práticas líricas que circulavam na corte real. Esses núcleos de produção e irradiação contribuem igualmente para a ampliação territorial da cultura portuguesa, ainda que esteja a

cultura clerical presa ao uso do latim. Assim, Saraiva distingue dois grupos de produção: a “cultura clerical” e a “cultura jogralesca”.

A primeira produção reúne “obras de caráter teológico, místico e didático: comentários dos Santos Padres, tratados de teologia, gramática, retórica e dialética, coleções de direito canônico, vidas de santos, sermões, livros litúrgicos, hinos e poesia religiosa” (SARAIVA, 2008). A circulação dessas obras, todavia, dadas as limitadas condições de reprodução dos manuscritos, ficava restrita ao domínio religioso. A feição desse conjunto de obras não definia uma identidade portuguesa, mas uma visão de mundo própria da Igreja Católica, e, por isso, destituída de valores regionais.

De outro lado, a “cultura jogralesca”, por estar vinculada à dimensão popular da cultura portuguesa, teve papel essencial na formação dessa literatura, uma vez que fez uso do galego-português para tornar comunicativos textos romanescos e líricos, destinados “à diversão e ao recreio, às romarias ou às festas palacianas” (SARAIVA, 2008) e geralmente divulgados por meio de jograis, em que artistas itinerantes assumiam a função de levar seu repertório literário a quaisquer eventos públicos dos quais pudessem extrair sua sobrevivência. Essa oralidade inicial foi, aos poucos, sendo substituída pelo registro escrito desse repertório, sob a forma de cancioneros e romances de cavalaria. Saraiva registra a existência de “cancioneiros primitivos” e vestígios de uma poesia épica (encontrados em Crônicas Breves de Santa Cruz de Coimbra).

Estará, contudo, na lírica a origem de toda essa história literária. Atribuiu-se a Paio Soares de Taveirós, um trovador, a autoria do primeiro texto lírico português, a cantiga de amor “A Ribeirinha”, também conhecida como “Cantiga de Guarvaia”, datada de 1189 (ou 1198, segundo estudos mais recentes). Apesar de escrita em galego-português, podemos entender grande parte do texto medieval. Façamos uma leitura do texto mais antigo que foi conservado desse período:

Cantiga

No mundo non me sei parelha,
mentre me for' como me vai
ca já moiro por vos e ai!
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia
quando vos eu vi en saia!
Mau dia me levantei,
que vos enton non vi feal!
E, mia senhor, des aquel di'ai!
me foi a mi mui mal,

e vós, filha de don Paai
Moniz, e ben uus semelha
d' aver eu por vós guarvaia
pois eu, mia senhor, d' alfaia
nunca de vós ouve nem hei
valia d'üa correa¹.

(In MOISÉS, 2006, p. 20)

Esse poema apresenta um eu lírico consumido de amor, um homem perdido pelo amor que uma senhora da corte despertou nele. Há muitas contradições em torno desse texto. Só sabemos que se trata do texto mais antigo de que temos notícia do reino de Portugal, mas, com certeza, não é, de fato, o mais antigo, pois, infelizmente, grande parte do que era produzido fora da corte ficou sem registro para a posteridade. Você pode observar que há referência a uma mulher da corte, pois o vocábulo “guarvaia” aponta o espaço da corte como o ideal para esse tipo de texto. Notamos também a presença do sofrimento do eu lírico. Mas tudo isso você estudará na próxima aula, quando passará a classificar os tipos de cantigas trovadorescas.



Personagem medievais (Fonte: <http://www.encyclopedia.com.pt/images/articles/1340.jpg>)

CONCLUSÃO

Como foi visto, esta primeira aula foi mais um aquecimento, em que procuramos situá-lo no contexto histórico que vamos estudar: a primeira fase da Idade Média e o que acontecia especificamente na Península Ibérica quanto a questões políticas e culturais. Em relação à língua portuguesa, depois da Revolução de Avis, haverá a primeira tentativa de nacionalização do idioma português, que, com isso, entra em fase de rápida transformação até chegar ao português moderno.

No âmbito das influências da cultura medieval para a formação da Literatura Portuguesa, reforçamos que a Idade Média é nitidamente marcada pela força do clero, com o importante papel da Igreja na vida cotidiana das pessoas. Com o fortalecimento da nobreza e a criação do Reino de Portugal, observamos que a cultura jogralesca ganhou mais espaço, e a vida na corte passou a exigir novas formas de diversão. Ao mesmo tempo, a burguesia, outra fonte de influência para as transformações sociais da época, à medida que o comércio aumenta, vai ganhando mais poder. Os textos literários e históricos narram como essas três camadas sociais (clero, nobreza e burguesia) se comportam e se relacionam entre si. Nesse período, havia, ainda, o culto ao cavaleiro medieval, responsável pela expulsão dos árabes e pela construção do reino. Nesse contexto, a primeira grande manifestação cultural medieval em Portugal será, sem dúvida, a poesia trovadoresca. Assim, estudar a poesia trovadoresca é fundamental para entendermos melhor como o povo e a nobreza se comportavam nesses primeiros anos do Estado Português.



RESUMO

Esta aula traçou um panorama do surgimento do Estado Português e de suas primeiras manifestações culturais e destacou a importância da língua portuguesa como elemento identificador de nacionalidade e, ao mesmo tempo, realçou o contato entre a língua portuguesa e os idiomas mais respeitados na época da independência do Reino com Afonso Henriques. Estudamos que a Igreja e seu clero, a nobreza e a burguesia em ascensão eram as maiores forças da Idade Média. A nobreza, em Portugal, foi se fortalecendo aos poucos, à medida que o próprio reino português ganhava mais independência. O povo e sua cultura oral também são relevantes para a compreensão desse período histórico. Para entendermos melhor a cultura medieval, destacamos três aspectos desse período: as diferenças entre a cultura clerical e a popular, a estrutura social representada pela classe dos “cavaleiros” e o fenômeno da “vassalagem”. Com essas abordagens, você está preparado para entender o fenômeno da poesia trovadoresca.

ATIVIDADES

1. Diante do que foi comentado acerca da Literatura Portuguesa nesta primeira aula, compare e contraste os Texto I e II. Explore como cada texto contempla o “rosto” de Portugal, considerando os enfoques mítico e crítico:
2. Quais as peculiaridades importantes para se levar em conta quanto ao estudo dos primeiros textos em língua portuguesa?
3. Como a Literatura Portuguesa pode ser situada na formação do estado português, ela é decisiva? Justifique-se conforme o texto da primeira parte dessa aula.
4. Quais são os três aspectos importantes para a compreensão da cultura medieval e como eles estão relacionados entre si? Ou trata-se de aspectos independentes? Comente a relação entre esses aspectos e a produção literária.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Esses comentários não são respostas, apenas dicas para você construir seu raciocínio:

1. No final da primeira aula, deixamos comentários importantes sobre esses textos. Veja que Portugal passa de um país importante com as Grandes Navegações para uma nação sem muito poder político na Europa. Esse segundo momento se inicia em 1580 quando Portugal volta ao domínio castelhano.
2. São textos importantes por trazerem aspectos históricos relevantes. Trata-se das primeiras marcas lingüísticas e culturais da língua portuguesa. Só podem ser entendidos no contexto dos vários idiomas em evolução na península Ibérica.
3. Ela é decisiva, pois é o texto literário que vai registrar os acontecimentos históricos e o cotidiano medieval. As cantigas traduzem o espírito popular da literatura. Nos mosteiros, temos a produção dos textos históricos.
4. Não são independentes. A cultura medieval é muito centrada no Clero e na vassalagem em relação ao senhor feudal. O clero com o teocentrismo e o feudalismo com o princípio de honra e vassalagem matém a sociedade subordinada a essas duas camadas sociais.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, estudaremos o imaginário da poesia trovadoresca com seus principais tipos e características. Entre as cantigas de amor e as satíricas, você descobrirá muitos detalhes da história medieval portuguesa.



AUTOAVALIAÇÃO

Sua autoavaliação deve partir do reconhecimento da base de conhecimentos necessária para fazer um curso de Literatura Portuguesa. Esta primeira aula foi bem simples, mas, por meio dela, você pôde observar a necessidade de assimilar os principais fatos históricos que influenciaram a literatura. Assim, para efeitos de uma autoavaliação inicial, caso você tenha conseguido formar uma visão panorâmica da Idade Média, relacionando política e cultura, sua aprendizagem foi muito boa.

REFERÊNCIAS

- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 32 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 30 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- PESSOA, Fernando. **Obra completa**, Rio de Janeiro: Agir, 1969.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17 ed. Porto: Editora Porto, 2008.
- SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. 24 ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 2007.